

Ressonância magnética faz falta no Hospital de Base

De repente Maria Marlinda Roseo saiu correndo pelos corredores do 3º andar do Hospital de Base do Distrito Federal (-HBDF). Agitada, ela pronuncia palavras desconstruídas. Os enfermeiros a dominaram e a levaram de volta à enfermaria 311. Sem alternativa, acabaram amarrando a paciente à cama. O problema que afeta Maria Marlinda nem os médicos do hospital podem detectar, pois não há no HBDF um aparelho de ressonância magnética, fundamental para o diagnóstico.

Começava o drama da família e amigos de Maria Marlinda. Sem dinheiro (cerca de R\$ 800) para realizar o exame em clínicas particulares. "Todos os dias, o médico pergunta: 'já arrumou o dinheiro para o exame?', eu digo: 'não, doutor'", desabafa Francisca Neta Alves Rosea, que é obrigada a passar 24 horas no hospital "porque se não ela sai correndo, nervosa", explica.

Maria começou a sentir dores de cabeça na sexta-feira, dia

16, mas na semana seguinte as dores já eram insuportáveis. Ela decidiu procurar o Hospital de Base na quarta-feira, dia 22, não saiu mais. Os médicos verificaram que o cérebro estava inchado. Maria foi submetida a uma tomografia computadorizada, que diagnosticou uma hipertensão intracraniana de etiologia a esclarecer.

Moradora de São Sebastião, há sete anos ela trabalha como empregada doméstica em uma casa do Guará, "a patroa também não pode pagar", afirma Francisca. "A gente também não", completam as duas amigas Flávia Rego e Jacilene Silva, que já foram inclusive atrás de deputados para tentar uma solução. "Temos medo de que ela morra", afirma Flávia.

A solução para o caso de Maria, de acordo com o diretor executivo da Fundação Hospitalar, Paulo Afonso Kalume Reis, é simples: basta a direção do hospital encaminhar um pedido para que o exame seja feito

em clínicas particulares. "Quando há necessidade o médico recomenda e nós autorizamos", explica. Nesses casos, a Fundação Hospitalar arca com os custos. O documento porém ainda não chegou às mãos de Reis.

Ele afirma que em outubro este procedimento não será mais necessário porque o aparelho de ressonância magnética, importado da Alemanha, ao preço de US\$ 2 milhões, já vai estar no HBDF. Ele adianta que só falta o Banco do Brasil emitir um documento de liberação da importação, "o que deve ocorrer esta semana", afirmou.

Ainda de acordo com Reis, a Fundação Hospitalar já está licitando a firma para fazer a adequação no local onde o aparelho será instalado. Ele adianta que já existem na rede pública funcionários credenciados a operar o aparelho.

JASON PASCOAL

Repórter do JORNAL DE BRASÍLIA

31 JUL 1999

JORNAL DE BRASÍLIA